

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AUDRY, JACQUELINE AUDRY

16 e 18 de Outubro de 2021

LES PETITS MATINS / 1961

um filme de JACQUELINE AUDRY

Realização: Jacqueline Audry *Argumento:* Stella Kersova *Adaptação, Diálogos:* Pierre Pelegri *Diálogos adicionais:* Pierre Laroche *Fotografia:* Robert Lefebvre *Som:* Jacques Gallois *Montagem:* Suzanne de Troeye *Canção original:* Charles Aznavour, Georges Garvarentz *Música original:* Georges Van Parys *Decoração:* Frédéric de Pasquale *Fotógrafo de cena:* Jean-Louis Castelli *Assistentes de realização:* Pierre Pelegri, Henri Toulout *Interpretação:* Agathe Aëms (Agathe), Arletty (Gabrielle, a dona do hotel amante de Rameau), Gilbert Bécaud (o piloto da Air France), Francis Blanche (o agente da alfândega), Bernard Blier (Sr. Rameau, o provinciano), Pierre Brasseur (Achille Pipermint, o homem de negócios em Orly), Jean-Claude Brialy (Jean-Claude, o rapaz de Cassis), Darry Cowl (o jornalista desportivo guarda-chuva), Daniel Gélin (o actor que ensaia *Cyrano*), Fernand Gravey (o homem do Cadillac), Robert Hossein (Edouard, o psicopata), Michel Le Royer (o campeão de ténis), Pierre Mondy (o empresário de boxe), Noël-Noël (o Barão que conduz a caleche), Andréa Parisy (uma rapariga à boleia), François Périer (o homem de 40 anos), Claude Roch (o homem de 30 anos), Lino Ventura (o motorista de autocarro), Roger Coggio (o pugilista), Véra Valmont (a empregada de bar), Huguette Duflos (a mãe de Edouard), Christian Pezei (o veraneante), Joe Davray, Philippe Clair (os motociclistas), Yves Gabrielli (o camionista), etc.

Produção: Paris Elysées Films, Les Films Metzger et Woog (França, 1961) *Título alternativo:* Mademoiselle Stop *Produtor:* Eugène Tucherer *Cópia:* CNC, 35 mm, preto-e-branco, versão original em francês legendada electronicamente em português, 104 minutos *Estreia:* 16 de Março de 1962, em França *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

Les Petits matins substitui o inicialmente programado *La Garçonne* (Jacqueline Audry, 1957) pela dupla surpresa na verificação dos materiais disponíveis para projecção no CNC que frustrou a expectativa de mostrar o primeiro abrindo oportunidade a apresentar o segundo.

Na incursão pelos filmes de Jacqueline Audry, paragem no *road movie* conduzido por uma rapariga à boleia num itinerário de estrada nacional, quase integralmente filmado em exteriores. Desta feita o ambiente é contemporâneo e há um esparso *off*, correspondente à voz interior da protagonista que é uma personagem feminina decidida. Como sempre em Audry, nisso não variável, ao contrário dos tipos e géneros cinematográficos que trabalhou e em que se incluem filmes de iniciação *Belle Époque*, dramas, comédias ou os supostamente mais atípicos casos do western (*La Caraque Blonde*, 1953) e do filme de capa e espada (*Le secret du Chevalier d'Éon*, 1959). Primeiro dos seus quatro títulos realizados nos anos 1960, perfilando com *Cadavres en vacances* (descrito como uma comédia criminal), *Fruits amers* (incursão política a partir de uma peça de Colette Audry) e *Le Lis de mer* (a última longa em 1969, cujo rasto indica uma dimensão experimental), *Les Petits matins* é o filme da sua tangente à Nouvelle Vague. Ou tentativa de, já que assim não foi visto nem entendido. Tinha 54 anos quando o filme chegou às salas, mais 20, números redondos, do que a geração que se afirmava a todo o vapor.

No mesmo ano de 1962 da première de *Les Petits matins* estreavam *Cléo de 5 à 7* de Agnès Varda, *Vivre sa vie* de Jean-Luc Godard, *La Jetée* de Chris Marker, *Le signe du lion* de Éric Rohmer, *Jules et Jim* de François Truffaut, etc., etc. Boas companhias, portanto. Se ficou longe da vista, Jacqueline Audry antes seria, na altura, alinhada com Gilles Grangier, Henri Decoin ou Yves Allégret de quem então se

apresentavam *Le Gentleman d'Epsom*, *Le Masque de fer*, *Konga Yo*, na perspectiva da dita “tradição de qualidade” ou da “determinada tendência do cinema francês” sobre a qual Truffaut escrevera em 1954 nos *Cahiers du cinéma*. Seja como for, no coração da Vaga, a primeira longa-metragem de Varda propunha o retrato de Cléo, uma cantora em Paris no intervalo de horas em que aguarda o resultado de um exame médico crítico em deambulação pela cidade. No seu filme titulado a partir da canção de Charles Aznavour, Audry filmava o movimento de Agathe, nome da única personagem interpretada por Agathe Aëms (de seu nome civil Claude Marguerite Françoise Aëms, nacionalidade franco-belga como a personagem do filme). Sem querer forçar afinidades que iludam a distinção dos territórios, note-se que a peregrinação de Agathe acontece uma década antes de Chantal Akerman, despertada para o cinema pelo *road movie* de Godard, *Pierrot le fou* (1965), que a levou a *Saute ma ville* (1968), se lançar à estrada como realizadora-actriz de *Je Tu Il Elle* (1974).

Primeiro é a praia. Uma praia nublada, em que convivem excursionistas e burricos, a “praia documental” a que chega a rapariga de camisola de lã larga e onde chuveira mal ela molha os pés no mar, chovendo a sério quando se estende na areia sobre a toalha. O sol não espreita. Guarda-chuvas em vez de chapéus-de-sol e entra-se na ficção. A história será como segue: enfatiada com a meteorologia belga que enche de neblina e humidade as praias do Norte, Agathe decide-se pelo sol da Côte d’Azur. Assim se faz à estrada numa viagem que há-de levá-la até Cassis. Tem de atravessar a fronteira, o que faz a pé, e pôr-se a caminho, não apeada. Irá de automóvel, escolhendo entre os disponíveis. *Les Petits matins* é a crónica dessa viagem que propicia os muitos encontros motorizados (e uma vez a tracção animal, além das passagens ferroviária e aeroportuária) que se vão sucedendo numa espécie de prova de estafetas com a participação automobilística de diferentes veículos e outras tantas personagens masculinas de muitos tipos, idades e feitios, interpretadas por conhecidas estrelas e actores reincidentes sob a direcção de Audry. Percorrendo quilómetros, a protagonista circula e avança fitada na meta soalheira.

Entretanto, Agathe é a única mulher durante um tempo razoável de filme. Todos os condutores são homens, as poucas outras mulheres de *Les Petits matins* participam da perspectiva às avessas dos filmes de Audry acerca dos papéis reservados ao feminino, ao masculino, ao feminino / masculino: uma empregada de café que tem um arremedo de ciúmes (Véra Valmont); uma outra aventureira de estrada (Andréa Parisy), num cómico episódio de engate a um jovem condutor; a mãe aristocrata de um psicopata que se precipita sobre Agathe com um punhal assustando-a menos que a atitude benevolente da dita mãe (Huguette Duflos, da Comédie-Française); a mulher mais sedutora de *Les Petits matins*, Arletty aos 63 anos como companheira de Bernard Blier, no extraordinário episódio da noite que sucede a boleia apanhada pela rapariga no Citroën 2CV. Com Agathe adormecida a ceder a ribalta a Arletty-Blier, talvez seja o momento mais subversivo de *Les Petits matins*, renovando as abordagens à sexualidade que Audry vai filmando ao correr dos filmes.

Não é comum (e o tempo verbal não é lapso) que os filmes atentem à vida amorosa e sexual das pessoas avançadas na idade como não é comum que a personagem de uma mulher com os traços de Arletty em 1961 seja filmada desejando e desejável. Nada que refreasse Jacqueline Audry, que ainda introduz o facto de a terceira personagem (a rapariga) funcionar como a embraiagem (accionada pela mulher do casal). Vejamos: em Valence-sur-Rhône, destino do condutor do 2CV que por sua vez é o homem mais estimável da galeria masculina do filme (e dos poucos que não agem em modo predador ou de galanteio), Agathe é apresentada a Arletty, que aí se chama Gabrielle e tem uma relação com a

personagem de Blier. A empatia feminina entre as duas é (quase) imediata e quando “a miúda” adormece à mesa, já Gabrielle e Rameau estão enleados na sua história de velhos amantes, que continua a ser trocada no diálogo que mantêm quando a deitam num quarto do andar de cima. É uma história de adultos. Pertence-lhes o primeiro encontro romântico de *Les Petits matins* (são velhos amantes que não desistem de ser amantes) e pertence a Arletty (que Audry já filmara como Inès em *Huis-clos*) o seu foco mais luminoso. Fundido a negro, a história continua estrada fora com a juventude de Agathe.

Seguimo-la até ao final feliz entre as aspas subentendidas na irónica promessa de Norte que se sela naquele mês de Setembro em Cassis onde ela encontra o rapaz que vende escovas (Jean-Claude, como Brialy), não procurando “o príncipe encantado”. Num dos apontamentos *off* da banda sonora, a expressão é da rapariga, que até aí nada indica andar à procura de um romance, e que na manhã seguinte à noite que passam juntos se diria mais disposta ao encontro com o mar. É um desfecho ao arpejo do movimento até então desenhado no filme, que não parece ir negar a Agathe outros dias de Sol e Sul, embora possa então relevar a sua proposta como percurso de iniciação. *Les Petits matins* como uma despedida da meninice da rapariga que a confronta com a sociedade patriarcal em que vive? É notar como Agathe actua com os homens com quem se vai cruzando nas sucessivas boleias com uma espécie de sabedoria inata que quase sempre afasta sem sobressalto as investidas repetidamente abusivas dos interlocutores. Do puro assédio travestido de charme (é logo o caso na abordagem do jornalista pegajoso na praia da Bélgica) aos piropos (como os do senhor do laço que lhe dá a primeira boleia e a olha “pelo prazer”, lembrando-lhe a rapariga, “É perigoso ao volante”), sedução (o ensaio do texto com o actor), ataque (na mansão aristocrata do psicopata) e por aí fora. Nesse sentido, além da história da sua ficção, *Les Petits matins* é também uma crónica de costumes porventura involuntária, que gira à volta de uma rapariga ciente de que para levar a sua avante tem de lidar com a premissa de um permanente alerta. Isto dito, tirando o momento de deslocação para Arletty-Blier, o filme é todo dela.

Maria João Madeira